

CINEMA COMO FORMA DE ACESSO À MEMÓRIA: A METALINGUAGEM EM *TODOS NÓS DESCONHECIDOS* (2023)

LUCAS VIANNA DUARTE¹; CAMILA ÁVILA DA SILVA²; DHULIAN OLIVEIRA³;
ROBERTO RIBEIRO MIRANDA COTTA⁴

¹*Universidade Federal de Pelotas* – luckviannaduarte@gmail.com

²*Universidade Federal de Pelotas* - camilabrsilva14@gmail.com

³*Universidade Federal de Pelotas* - dhulianoliveira5@gmail.com

⁴*Universidade Federal de Pelotas* - robertormcotta@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este resumo expandido foi elaborado a partir de uma atividade de resenha crítica proposta na disciplina de Cinema Contemporâneo, do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Pelotas, ministrada pelo professor Roberto Cotta.

O objetivo do presente trabalho é discutir as representações do passado e da memória no longa-metragem britânico *Todos Nós Desconhecidos* (2023), dirigido por Andrew Haigh, evidenciando como o cinema, ao se utilizar de si mesmo, pode criar um refúgio artístico formado por tudo aquilo que já não está mais presente.

Todos Nós Desconhecidos acompanha Adam (Andrew Scott), um roteirista solitário que vive em um complexo de apartamentos quase vazio em Londres. Quando Harry (Paul Mescal), outro morador do prédio, bate à sua porta, sentimentos guardados de Adam começam a emergir. A partir desse encontro, estimulado pelos roteiros que escreve, Adam decide retornar à casa em que passou a infância. As visitas tornam-se frequentes, e a convivência com os fantasmas de seus pais constrói um passado reconfortante, do qual ele terá dificuldades para se desvincular.

2. METODOLOGIA

Como método utilizado para a criação deste trabalho, o grupo envolvido inicialmente criou impressões individuais a partir de um momento conjunto dedicado a assistir ao filme, que, dentre as vastas opções, foi escolhido como objeto de análise em razão da forte identificação dos integrantes do grupo com as questões abordadas pela obra. Em seguida, foram discutidas as diferentes percepções de cada integrante e colocadas em pauta as que demonstravam importância unâime.

A etapa posterior se deu através da elaboração de uma resenha crítica a respeito do filme, que também possibilitou a realização de um seminário apresentado à turma da disciplina, no qual foram discutidas as temáticas da obra e destrinchadas as camadas do elemento protagonista: a memória.

Para a execução deste texto, o grupo se dedicou a uma série de pesquisas referenciais sobre autores e obras que dialogassem, em especial, com o cinema, a história e a memória, como é o caso dos seguintes autores: JAKOBSON (1980); PESAVENTO (2007); NOVOA; FRESSAT; FEIGELSON (2009), e KRISTIAN (2009).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A metalinguagem é definida como o uso de um artifício linguístico para se referir ao seu próprio código verbal (JAKOBSON, 1980). Isso significa, por exemplo, que, quando entendemos o uso de artifícios cinematográficos internos a uma

narrativa, como um personagem em um filme que está escrevendo um roteiro também sobre um filme, e esse artifício evoca a importância de uma temática específica, existe aí uma configuração da linguagem metalinguística a respeito dessa temática. Ao passo que o personagem roteirista viaja pela sinestesia da memória na narrativa, o espectador também é influenciado a exercitar esse regresso. É dessa configuração autossuficiente que nasce a genialidade de *Todos Nós Desconhecidos*, e é por meio dela que revisitamos confortos que não existem mais, mas que são preservados pelo cinema.

Nos primeiros minutos de *Todos Nós Desconhecidos*, Adam está curvado sobre o laptop enquanto tenta escrever algo que, mais à frente, revela-se como um roteiro fílmico. Em letras de caixa alta, lê-se a descrição: “EXTERNO - CASA DO SUBÚRBIO - 1987”. Nessa cena emblemática, há uma pista singela sobre o rumo da narrativa que, dali a algumas dezenas de minutos, mostrará ao espectador os falecidos pais do protagonista, cujos fantasmas vivem em uma casa do subúrbio, no ano de 1987.

A importância simbólica dessa cena reside no ato de incentivo oferecido pelo “fazer” do cinema, aqui representado pela escrita. Segundo SANTOS (2009, p.6), “as narrativas, assim tomadas, podem ser apreendidas como testemunhos do passado, que nos revelam esse passado não como ele foi vivido, mas como foi sentido e dado a ler”. Tanto no ato individual de Adam, ao sair do apartamento e viajar para a aconchegante casa dos pais mortos, quanto na materialização do filme como um todo, o passado é visto como um local de conforto ou, no mínimo, propício à resolução de conflitos deixados para trás. É desse modo que o longa-metragem estabelece, por meio de duas óticas que remetem ao cinema, o que há de comum em todos os seres humanos: para assegurar quem somos hoje, estamos constantemente resgatando acontecimentos passados.

Nesse sentido, o acesso à memória é um toque sensível àquilo que torna a premissa de um roteiro, de um filme ou da vida de um ser humano tão poderosa, e não está necessariamente ligado à viagem no tempo. Na verdade, basta que aquilo que ficou para trás seja observado com novos olhos. E não é a primeira vez que isso acontece no cinema. *De Volta para o Futuro* (1985), *A Lista de Schindler* (1993), *Noite Passada em Soho* (2021), *Ainda Estou Aqui* (2024) e *Homem com H* (2025) são exemplos de obras que acessam a memória de forma singular.

Por fim, é interessante perceber a tentativa do cinema, muitas vezes bem-sucedida, de influenciar um passado que aparentemente já está solidificado. Para KAES (1989, apud NOVOA et al., 2009, p. 106), “o cinema desempenha um papel ainda mais essencial que acontece, dele próprio se encarregar de traduzir para a ficção aquilo que a memória oficial procurou ocultar”. De acordo com PESAVENTO:

A partir da vivência histórica individual, podemos recuperar emoções, sentimentos, pensamentos, medos ou anseios, sem deixar de lado a ideia de que essa interpretação sensível da realidade seja histórica e socializada para os indivíduos. (2007, p.14)

Em paralelo com o filme, evidenciando mais uma vez sua metalinguagem intrínseca, a tentativa do protagonista de *Todos Nós Desconhecidos* de influenciar o passado é percebida quando ele dialoga com seus pais sobre sua sexualidade. Afinal, por que um homem adulto decidiria revelar aos pais mortos que é homossexual, se não pela esperança de que esse pequeno ato, realizado em uma lembrança longínqua, possa refletir algum tipo de paz em sua realidade presente?

4. CONCLUSÕES

Através de sua narrativa, que reflete exatamente como uma memória conturbada se manifesta, percebe-se em *Todos Nós Desconhecidos* uma perspectiva interessante sobre nossas próprias criações: grande parte do que produzimos é um emaranhado de experiências e lembranças que carregamos ao longo da vida.

A obra, ao utilizar a viagem interna do protagonista como linha principal de desenvolvimento, caracteriza-se como um abraço à sensibilidade e ao intimismo, permitindo que as ferramentas cinematográficas se revelem capazes de auxiliar nesse exercício tão fascinante.

Sob essa ótica, o longa-metragem reafirma as infinitas possibilidades de se trabalhar com o passado no cinema, demonstrando que é possível mergulhar no que foi deixado para trás sem perder a singularidade de quem o faz no presente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JAKOBSON, R. **The Framework of Language**. [S. l.]: Michigan Slavic Publications, 1980. Acessado em: 6 ago. 2025. Disponível em: https://monoskop.org/images/b/b0/Jakobson_Roman_The_Framework_of_Language.pdf.

NOVOA, J. L. B.; FRESSAT, S. B.; FEIGELSON, K. **Cinematógrafo: um olhar sobre a história**. Editora Unesp, 2009. Acessado em: 6 ago. 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ufba/164>.

PESAVENTO, S. J. **Sensibilidades na História: Memórias Singulares e Identidades Sociais**. Rio grande do Sul: UFRGS, 2007

SANTOS, M. P. Fortaleza, 2009. O sensível acesso ao passado: a memória e o esquecimento. **ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, Fortaleza, 2009. Acessado em: 6 de ago. 2025. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772005_50cb47363e0bdd578d691fa2bf4497cf.pdf.